

Em busca das palavras essenciais

As profundas águas rasas da poesia de Renato Rezende, entre carne e espírito

Fernando Marques

(Prosa & Verso, OGLOBO, 29/12/2001)

A atmosfera literária contemporânea tende a ser pouco pródiga em orientações estéticas rígidas, favorecendo o exercício da originalidade. O terceiro livro de poemas de Renato Rezende, “Passeio”, parece confirmar a hipótese. Os textos, propositalmente despojados, dialogam com a tradição do verso reflexivo, confessional ou metafísico, mostrando-se, no entanto, capazes de articular o que se deve esperar dos poetas: um estilo.

Afirmar que os poemas de “Passeio” sejam “desprovidos de qualquer ornamentação poética ou intelectual”, como faz o texto de orelha, talvez redigido pelo próprio autor, soa como sofisma. A ausência de ornatos deve ser vista, nesse caso, como estratégia de composição. A aparente simplicidade despe a linguagem, buscando palavras essenciais, dedicadas a exprimir estados de espírito que oscilam entre “as duas águas” de que fala um dos poemas.

A imagem das duas águas pode ser tomada como exemplar e se refere a “um mar inteiro preso/entre o espírito e a carne”. O poeta as define, antiteticamente, como águas “profundas” e “rasas”. Estas têm contato “constante com o dia” ou com “o reino fecundo das cores/e das palavras-fontes”. Representam a instância apolínea pela qual o poeta é chamado a dar notícia da vida exterior. Já “as profundas são escuras/embora de matéria mais pura”, “águas-alma/de total silêncio”. A confissão é lisa e direta: “Há em mim/uma tensão entre tais águas/que não se mesclam”.

O eixo temático de “Passeio” deve ser assim definido, ressalvado o risco de reduzi-lo excessivamente: de um lado, os deveres de homem urbano moderno, instado a engajar-se na produção, a vender sua força de trabalho em ocupações eventualmente mesquinhas. De outro, seu orgulho de sujeito que se acredita proprietário de uma alma imortal, vaidoso, talvez, de sua condição de aristocrata do espírito. Sentimento que, em Renato, nada tem de antipático ou reacionário: o orgulho do eu lírico sabe repartir-se com os demais homens e mulheres, não o impede de olhar com atenção para os semelhantes.

De fato, essa espécie de hesitação entre os compromissos do mundo externo e os apelos íntimos, menos mensuráveis, pode redundar na temporária demissão de quem afirma ter desejos, “mas nenhum ímpeto”. Mas pode também resultar em movimentos de comunhão com o outro, o próximo, encontrado com certa dramaticidade e ênfase na figura do excluído: “Sou o mendigo do Rio de Janeiro”, diz Renato, referindo-se ao mendigo “mítico”, imagem não apenas de problemas sociais seculares, mas da pouco discutível miséria atemporal, humana. Gente pobre encontra, nessa poesia, um observador pouco panfletário, mas empático.

Ainda no campo dos assuntos poeticamente tratados em “Passeio”, há o recurso à memória, caso das lembranças do homem que foi menino na fazenda a que volta já adulto, muitos anos depois. Aqui, os textos praticam poesia ainda mais descarnada, que recorda a do primeiro Drummond ou a do Bandeira maduro. Se possui vocação metafísica, tematizando, por exemplo, a passagem do tempo, a poesia de Renato nem por isso se realiza sem apelo à vida física—paisagem, objetos ou cenas de iniciação amorosa, liricamente lembrados.

Os recursos formais agenciados pelo autor são aparentemente simples, mas sensíveis. Os versos se recortam ritmicamente e as rimas toantes,

inexatas, surgem com freqüência, utilizadas com eficácia. É verdade que o poeta corre o risco de cair na trivialidade, perigo de que, no entanto, quase sempre escapa. Afinal, seu projeto literário tem a ver também com retirar poesia das coisas e palavras cotidianas, transformando-as ou deixando que se revelem na sua transcendência, qualidade que a correria diária deforma ou encobre.

Os poemas de Renato Rezende, singulares, aparentam-se direta ou remotamente à Marly de Oliveira de “Contato” e aspectos da obra de Adélia Prado e Ferreira Gullar. Seus trabalhos podem produzir, no leitor, o alumbramento que os tempos em geral embotam e negam. O estado de poesia, enfim.